

## PRAGA: SUPERLATIVOS DE GRANDEZAS E MISÉRIAS DO PENSAMENTO

VASCO OLIVEIRA E CUNHA\*

Como todas as princesas, Libuše possuía a beleza serena de uma deusa e a frescura da madrugada. Terna e generosa, amante do seu povo, ofereceu o coração e o trono a Premysl, lenhador e agricultor, rosto endurecido no amanho da terra e a desbravar a floresta, roupas andrajosas, sandálias toscas de vime, o pão que diariamente levava no saco para o trabalho como única riqueza, união arguta da realeza e do povo que molda o mundo, o mundo sempre dele se esquecendo, só Deus o distinguindo no além da morte, lenda tecida na bruma antiquíssima do alvor do movimento irresistível do despertar e da afirmação das nações de um continente ainda prenhe de vida e de sonho.

Para lá de tantas virtudes, comuns entre os bem nascidos e os imortais, a natureza oferecera a Libuše a bênção raríssima da antecipação do tempo, da leitura de um mundo novo prestes a irromper ali bem perto do seu castelo de Vyšehrad. Uma tarde em que passeava com o marido e os anciãos da tribo dos Premyslidas, o êxtase profético da princesa, então já rainha, desenhou-lhe para além do rio, exactamente no ponto de viragem da corrente para norte, acima da floresta densa e escura, empenas de palácios e agulhas de catedrais erguendo-se em direcção às estrelas, a ideia logo acariciada pela filha de Krok da fundação de uma cidade de glória imorredoura. De Praga, encruzilhada(1) comercial, política e cultural de eslavos, germanos, húngaros, latinos, o Vltava correndo para norte, para o Elba e para o Báltico, e subindo para sul até às colinas suaves da Morávia, artéria pujante de vida e de desenvolvimento, bem junto do Danúbio e da Panónia, a planície ampla de trigo e de pastagens.

Visão nascida da inteligência, da capacidade de contemplação do futuro para lá dos ermos silvestres de Smíchov e das florestas de Hradcany e de Malá Strana, na outra margem, e dos casebres miseráveis de madeira e de colmo da planura fértil e alagadiça no sopé de Vyšehrad, aldeias circulares pestilentas guardadas por paliçadas humildes, a pesca, a caça, o mel e o gado por ocupação, o reino eslavo da Boémia brotando da água e da terra, da mãe das raízes, na ode de Neruda.

E Praga nasceu e cresceu na colina de Hradcany, como no sonho de Libuše, silhueta belíssima de igrejas, de basílicas e de conventos, as torres góticas da Catedral de S. Vito apontando o céu, a protecção

terrena de palácios e fortalezas, o Castelo altivo como símbolo de poder, coração de intriga e de violência, atracção constante de peregrinações piedosas a São Wenceslau (Václav, em checo), mártir e santo, patrono da nação, o sagrado e o profano sem fronteiras, comunhão perfeita, fonte constante de dramas e de tragédias do povo checo, a incapacidade inquietante de o homem conciliar na mente a criação da beleza e de uma cultura da paz.



No século XIV, o génio planificador de Carlos IV assegurou a coesão da expansão da cidade, uma estrada real ligando o Castelo à Staré Mesto, à Cidade Velha, que há muito emergira da planície ribeirinha, e a Vyšehrad, matriz da nação, homenagem e respeito profundo do imperador por sua mãe, ali sepultada, a colina tornada ponto obrigatório de passagem para os viandantes chegados de sul, a generosidade de dimensões da ponte gótica de Peter Parléř, o construtor, re-unindo as duas margens do Vltava depois que as águas turbulentas da corrente destruíram e arrastaram a velha ponte românica do século XII.

Cenário de bulício permanente das gentes, de mercadores, cambistas, artesãos, de procissões nas coroações reais e imperiais, local estratégico em conflitos domésticos e internacionais, passeio favorito da Praga do nosso tempo, Karluv most, a Ponte Carlos, povoou-se de esculturas nos séculos XVII e XVIII, estátuas carregadas de história, de lenda e de fábula, galeria incomum de pedaços da vida de um povo, os gestos dramáticos das figuras procurando atrair a atenção de quem passa para as narrativas eternas das suas vidas e do imaginário boémio, S. Vito, o velhíssimo Calvário, a Madonna com S. Bernardo, o Sonho de S. Luitgard, o Turco de Praga, de Brokof, a liberdade dos cristãos cativos a troco de ouro, o bronze de S. João Nepomuceno, o santo silencioso



lançado ao rio pela recusa em revelar ao seu soberano o segredo que a rainha lhe confiara, os perfis poliédricos das torres medievais, uma em cada margem, oferecendo-lhes a segurança que os ricos e os poderosos lhes negaram em vida.

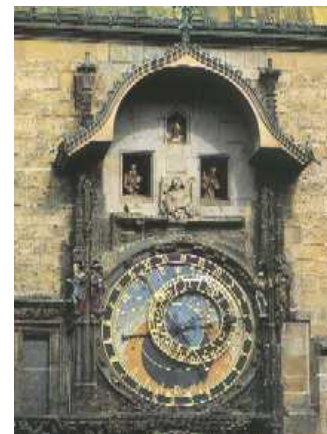


A dois passos dali, Staroměstské náměstí, a Praça da Cidade Velha, mercado desde o fundo da história checa, memória de um tempo europeu de naufrágio da razão no bronze de Šaloun, Hus rodeado de seguidores, homenagem do povo ao ideário do teólogo morto na fogueira, em Konstanz (1415), depois de o Concílio lhe haver concedido um salvo-conduto, defesa e pregação de uma vida em pobreza e no temor de Deus; condenação da propriedade religiosa e da mundanização da pirâmide arrogante de Roma, a convicção despudorada de que a Igreja não precisava mais de dar-se ao trabalho de ser santa (Russell), afirmação da artificialidade da construção da hierarquia do pontífice e da sua não essencialidade, porque estabelecida sem mandato divino; a ideia forte de que as Escrituras constituem a única fonte de autoridade, cada indivíduo tendo a liberdade de analisar e de interpretar a palavra bíblica sem vassalos intermediários no seu diálogo com o Senhor; herança cultural de homens como Walther von der Vogelweide (2), a visão da Codificação do Direito Canônico, de Inocêncio III, como o livro mais negro que o inferno já produziu; denúncia da intromissão da Igreja nos negócios políticos do Estado através do imposto romano do sacrifício (die römische Opfersteuer), dos cepos das esmolas que o papa mandara colocar nos templos alemães em 1213 para financiamento das cruzadas; Marsílio de Pádua(3), o Estado situado acima do plano da Igreja; necessidade da organização democrática da instituição religiosa, da eleição e da destituição do papa pelo povo, e de se pôr cobros aos seus privilégios, entendidos como o maior obstáculo à manutenção da paz e à existência de um bom governo; defesa do ideal de pobreza dos frades franciscanos como norma de perfeição cristã; Guilherme de Occam(4), a realidade da existência de uma lei natural, o papa e o imperador a ela igualmente submetidos; John

Wycliffe(5), a propriedade, de que Cristo e os seus Apóstolos prescindiram, descrita como filha do pecado; o ataque à hierarquia eclesiástica e à supremacia papal, ao dogma, à devoção aos santos e às indulgências, ideias levadas ao povo cristão através de panfletos e dos sermões dos Lollards, o combate dos sacerdotes pobres à atitude subserviente e à escolástica grandiloquente dos frades conservadores, uma ideia e uma prática com mais de um século em Praga, os monges premonstratenses de Strahov, Sião checa na colina de Hradcany,, rosa plantada junto de fonte fértil, como na narrativa sagrada, dedicando-se à pregação e à reforma dos valores espirituais da Igreja, repúdio do monaquismo e da vida de contemplação e de silêncio dos mosteiros;

Cenário de tempestades políticas e religiosas, de execuções de opositores nobres do regime no rescaldo da batalha da Montanha Branca (1620), tragédia da nação, pilhagem, devastações, confiscação da propriedade, perda de direitos políticos, adiamento da liberdade religiosa, a emigração para vinte mil checos que não queriam converter-se à fé e ao império dos Habsburgos, Comenius entre eles, esvaziamento da cultura nativa; retorno às concepções de S. Tomás de Aquino e de Egídio Romano da identificação da lei natural com o direito divino, da legitimação do governo monárquico e da supremacia eclesiástica como alicerces da vida; doutrinação agressiva e militante da Companhia de Jesus, a imiscuição dos Jesuítas nos assuntos políticos do reino; refutação das teorias do império universal e defesa da igualdade jurídica dos Estados soberanos; oposição da jurisdição eclesiástica à jurisdição civil; distinção entre organização política e comunidade religiosa, o Estado considerado como mera instituição humana no cumprimento de fins temporais; recatolicização da Universitas Carolina, monopólio religioso da educação superior não secular preparado com a transformação da Academia Clementina em universidade; desencorajamento da utilização da língua checa; construção de mosteiros beneditinos e cistercienses, grandiosos e magníficos, as lágrimas e o sangue, como se diz em Praga, vertidos na argamassa do barroco pleno de impulsos e de emoções das Igrejas - S. Francisco, S. Salvador, S. Nicolau ...; prática do corpus doutrinário do Concílio de Trento - estabelecimento de um conjunto sistemático de crenças ortodoxas; declaração de muitas das novas ideias religiosas como heréticas; adopção de regras e de preceitos disciplinares de garantia da integridade e da unidade da Igreja; elevação do nível de formação moral do clero;

Tiquetaqueando a vida, as mudanças dos tempos e das vontades, o esqueleto do relógio astronómico da velhíssima torre prismática da Câmara Municipal, hora após hora lembra às multidões que o contemplan a vertigem inexorável para as cinzas, para o pó e para o nada, Cristo e os Apóstolos, surgindo e desaparecendo por detrás das vigias da torre, permanecendo como verdade imutável da existência.



Nas imediações da Ponte Cechuv, da Cechuv most, um pouco para norte da Praça da Cidade Velha, o bairro judeu, a cidade judaica, construção da vida ao ritmo do crescimento de Praga e do reino, comerciantes, físicos, administradores, gente comum junto de Vyšehrad, primeiro, do Castelo, depois, no mercado, ao longo da estrada real, na margem direita do Vltava, refém sempre do capricho real e da discriminação religiosa, a acusação constante de assassinio, de práticas rituais tenebrosas e de propagação de epidemias, alternância de tempos de ódio e de violência, de restrições da liberdade (pogrom de 1096, massacre planeado no início da 1ª Cruzada; interdição, pelo Concílio de Latrão (1215), do acesso à posse da terra e do seu cultivo, ao comércio, a subsistência reduzida ao juro hipotecário, restrição do contacto com o povo cristão, a delimitação da residência, o ghetto; expulsão trágica de Praga, da Boémia, da Morávia e da Silésia por Maria Teresa, imperatriz Habsburga, no século XVIII; martírio massivo pelos nazis de 77.297 homens e crianças da Boémia e da Morávia, todos os nomes recordados nas paredes da sinagoga do rabi Pinkas) e de períodos de reconciliação, de protecção e de reconhecimento, quase sempre em troca de doações, de impostos e de taxas adicionais (proibição, frequentemente violada pelos cristãos, da violência e da delapidação da propriedade judaica decretada por monarcas esclarecidos, Ottkar II, Premyslida, permitindo a construção de uma sinagoga gótica (1280), a mais antiga das sete hoje ainda preservadas na cidade; recuperação da liberdade entretanto perdida, concedida por Rudolfo II, em 1577, tempo de renascimento do comércio, das artes e das ciências; autorização de Fernando III para a construção de um campanário e o uso do elmo sueco no meio da estrela de David como seu emblema pela defesa valorosa de Praga (1648) na luta contra o invasor nórdico na Guerra dos Trinta Anos; a recuperação lenta das expulsões de Maria Teresa com a Patente da Tolerância (1781) do imperador José II, a actividade económica dos judeus permitida para além do empréstimo de dinheiro; acesso (1867) dos judeus a uma educação igual para todos, à liberdade de participação na vida política social e cultural, entrada de nomes grandes na história da cultura universal - Kafka, Brod, Werfel, Eisner, Meyrink, entre tantos outros).

A acrescentar à ignomínia sofrida em vida, a dificuldade de descanso na morte, a restrição ao alargamento do cemitério obrigando os judeus a aumentá-lo na perpendicular, camadas de terra sobrepostas, floresta densa de estelas, garantia da preservação do princípio judaico de uma pessoa, uma sepultura, testemunho silencioso de um passado longo de intolerância e de sofrimento, memória sempre presente dos vivos para que a barbárie de uma hipoteca integrista de séculos, feita de verdades absolutas, de excomunhões, de censuras, de tiranias e de crimes não submirja o pensamento.



Coração da Nové Mesto, da cidade moderna, a Cruz de Ouro, perspectiva ampla e rectilínea bordejada de lojas elegantes, galerias, restaurantes, cafés, esplanadas, tornou-se no século XIX centro da vida social e política da capital checa.

Pela Praça de São Venceslau, pela Václavské náměstí, e nos grandes espaços abertos das antiquíssimas feiras de gado, do cavalo e do feno desfilaram os protestos vibrantes do povo, cristalizados no movimento revolucionário de 1848, contra o absolutismo do chanceler austríaco Metternich; o apoio massivo à re-união dos povos checo e eslovaco, separados desde o século X, e à fundação da República da Checoslováquia, em 1918, na derrocada do governo imperial de Viena; o desespero e o ódio pela ocupação e pela brutalidade nazis em 1938 e nos anos da Segunda Guerra Mundial; o horror da imolação pelo fogo do jovem Palach como protesto último contra a intervenção militar do Pacto de Varsóvia, que pôs termo à Primavera de Praga em 1968; a revolução de veludo após a queda do Muro de Berlim; a luta permanente pela afirmação de uma identidade e de uma cultura contra a opressão estrangeira.

---

Do alto do seu cavalo, o Museu Nacional por fundo, com a protecção de Ludmila, Inês, Procópio e Adalberto, santos da nação, estandarte bem seguro na mão direita, Wenceslau tem testemunhado o desfilar da história recente de Praga, ouvidos bem atentos às vozes do mundo desde que o bronze de Myslbek foi erguido na praça em 1894. E as vozes falam dos oásis de tranquilidade da cidade, dos parques e dos jardins, invenções da burguesia boémia dos séculos XIX e XX, alternativa aos espaços verdes privados dos mosteiros e conventos, dos palácios senhoriais, pausa repousante e magnífica na concentração densíssima da urbe; da indivisibilidade de Praga e da música, a omnipresença do canto e da sinfonia em capelas, igrejas, basílicas e catedrais, nas galerias e nos palácios, dos concertos ao ar livre do cais de Smetana, dos festivais da Primavera e do Outono, a cidade respirando as melodias de Zelenka, Bixi, Mysliveček, o divino boémio, de Dvorák, e a alma dos compositores universais que amaram Praga, Beethoven, Paganini, Liszt, Berlioz, Schumann, Wagner, Tchaikovsky e, sobretudo, Mozart (a minha Praga entende-me), Don Giovanni apresentada pela primeira vez ao mundo, com a direcção do próprio compositor, no Teatro Nostic, no coração da Cidade Velha; dos tesouros da pintura de Teodorico, no castelo de Karlštejn, do barroco e do rococó; da escultura de castelos e de catedrais; da arquitectura sóbria, austera, da Aula Magna, na Universitas Carolina; do cemitério nacional de Vyšehrad e da Slavín, sepultura comum dos homens e das mulheres que deram o seu melhor pela nação checa; do rosa velho, do azul, do amarelo mel das fachadas.



Jogo complexo de sedução, o santo, juntando os retalhos do puzzle infindável da história da cidade e da nação na esperança de poder entender a vida; os que o contemplam, tentando mergulhar no passado longínquo, mais de um milénio, para alcançar as origens, para lá do instante em que o irmão pagão de Wenceslau lhe desferiu o golpe derradeiro, roubando-lhe o ceptro e cortando-lhe a vida, e chegar a Libuše e à profecia.

Com o seu silêncio, Wenceslau não quebra a ilusão da lenda, deixando-a permanecer no fundo da memória da nação. O santo sabe, por experiência, que as cidades se alimentam de engenho, de trabalho

e suor, de sangue, crescendo entre a guerra e a paz, na opressão e nas revoluções, no fanatismo e na liberdade, no ódio e no amor. E sabe também o santo que Praga soube acrescentar-lhes um encanto sem igual.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- BEAU, A.E., KAYSER, W. e QUINTELA, P. Antologia da Poesia Alemã. Lisboa: Instituto de Cultura Alemã, 1944.
- BILKOVÁ, H. Ten Prague Superlatives. Prague: Artfoto Publishers, 1993.
- GETTEL, R.G. História das Ideias Políticas. Lisboa: Editorial Inquérito, 1950.
- RUSSELL, B. História da Filosofia Ocidental. S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- VOGELWEIDE, W. Gedichte. Wiesbaden: Insel-Verlag, 1956.

---

\* Professor-Coordenador da ESEV

1 Praha, checo para soleira, pedra (prancha de madeira) de apoio para a entrada e saída de casa.

2 Walter von der Vogelweide (?-1228)), o maior poeta alemão depois de Goethe.

3 Marsílio de Pádua (1270-1310).

4 Guilherme de Occam (1280-1347).

5 John Wycliff (1320-1384). A sua obra era conhecida de Hus. Ricardo II de Inglaterra casara com uma princesa da Boémia.